

faz, é mais um espaço laboratorial de descobertas que traz outras perspectivas acerca da pesquisa - tanto do conto, da temática ambiental, quanto da forma com que se aplica os fundamentos básicos de Chekhov sobre o corpo cênico de maneira expandida - dialogando com os preceitos da ecoperformance enquanto linguagem e perspectiva artística.

Esses compartilhamentos públicos proporcionaram também conexões com pessoas de outros



Ecoperformance realizada no PB,
UNICAMP

cursos e realidades, como alunes das Ciências Sociais, Engenharia Química e funcionários terceirizados da limpeza, vendedores e clientes da feirinha no PB, ampliando aportes da recepção, além de fortalecer parcerias de colegas do próprio IA, como Artes Visuais, Dança, Midialogia e Música.

Somam-se aos experimentos performáticos, as experimentações, improvisações e composição cênica a partir do conto de Clarice em contraponto com fundo temático da pesquisa. Como resultado, o material foi organizado na forma de um estudo cênico presencial e de uma dramaturgia, ambos em processo de finalização.

DISCUSSÃO

Linguagens - ecoperformance e o hibridismo da cena: virtualidade vs presença

Enquanto investigação de linguagem, a pesquisa explora as possibilidades do ator na cena contemporânea, explorando as fronteiras do performativo, do épico-narrativo, das metamorfoses do corpo, da representação, assim como do caráter presencial da cena teatral e o virtual, das formas de manifestações de vídeo e audiovisual em um diálogo-tensão. Até quando teatro é teatro? Que aspectos cênicos a virtualidade pode trazer? A virtualidade sustenta, potencializa a presença ou disputa com ela? Virtualidade é presença? Elas se retroalimentam ou se anulam? Em que medida a imaginação se aproxima do virtual, em sua imaterialidade? Como o corpo do ator responde a essas exigências conectando-o com a imaginação?

METODOLOGIA

Chekhov: imaginação real ou virtual?

Em meio a tais questionamentos, a pesquisa apoia-se nos fundamentos do trabalho de atuação propostos por Michael Chekhov, especialmente no seu livro *Para o Ator*; um guia uessencialmente prático, um guia para o ator como criador, escrito em inúmeros exílios durante a conturbada primeira metade do século XX. Chekhov imaginava o “teatro do futuro” com bases espirituais, e nem sequer sonhava com fibra ótica, chamadas de vídeo online, projeção e telas de celular. Buscava as bases para um teatro no qual a presença máxima era o corpo investido pela força da imaginação. Chekhov nos ajuda a refletir sobre heranças do teatro, mas nem por isso é “antigo”: ele nos guia na busca de raízes para fazer o de agora, nem por isso inovador, mas novo, enquanto exploração genuína do ofício.

Do ponto de vista do teatro do futuro, como eu tento imaginá-lo, tudo se tornará mais e mais espiritualizado, no sentido de um espírito concreto. Se nosso corpo físico não se desenvolve, ele se tornará mais nosso inimigo do que nosso amigo. Precisamos de fazer um esforço para separar nosso corpo físico, com suas habilidades e incapacidades, da nossa alma artística que é tão rica em cada um de nós, tão cheia de desejos para criar isso ou aquilo. Se pudermos separar nossa alma do nosso corpo por um momento no nosso pensamento, veremos quão diferentes são esses mundos. (Chekhov, M. *The future Theatre*)¹

(...) O ator do futuro não deve apenas encontrar outra atitude em relação ao seu corpo físico e à sua voz, mas a toda a sua existência no palco no sentido que o ator, como artista, (...) deve ampliar seu próprio ser por meio de sua profissão.²

Assim, mistura-se a arte de encenar o impossível, brincá-lo, com as possibilidades concretas que um conceito que soa tão abstrato - a virtualidade - proporciona, mas que é inegável por ser completamente presente, dominante, que tem reverberações histórico-sócio-políticas, econômicas e técnicas que ajudam a sustentar o capitalismo fóssil, tardio, e talvez por isso sim antigo, obsoleto. Portanto, mais do que já sabemos, talvez devamos repensar o fazer da vida, e nem tanto repensar o teatro, que se revitaliza por si.

Uma pesquisa teórica que culmina num fazer cênico artístico concreto, mas que se mistura nesse sentido com a imaterialidade do virtual, senão com a imaterialidade da imaginação.

Uma pesquisa entre planos. Alma, corpo.

Uma pesquisa prática, e por isso concreta - do corpo, da vivência, do experimentar no espaço físico - relacionados com o abstrato das ideias que se projetificam na sola dos pés e na voz, compondo uma arte que pede o inconcreto, o absurdo, o irreal que é o imaginar, o viver em outro espaço, em outro tempo, habitando ou sendo habitado por outros corpos-almas. Mistura

¹ CHEKHOV, Michael. *The future Theatre*, 15 de dezembro de 1941. Arquivo original dos registros de Deirdre Hurst e Beatrice Straight, disponível em <https://collections.uwindsor.ca/chekhov/item/1081>, acesso 23/04/2024. Tradução nossa

² Id.

de materialidades da cena com as in-concretudes da vida. Buscando meios intangíveis para tornar tangível. Porque nem uma nem outra é só feita de matéria.

Uma pesquisa imaginária-virtual/concreta-presencial, tendo-se *O búfalo*, de Clarice Lispector como mote e tela onde desembocam os aprendizados adquiridos durante o processo de pesquisa. Cria-se enfim um conto-cena como um exercício para desvendar como uma visita ao Jardim Zoológico - como no conto de Clarice - pode nos ensinar a odiar, nos ensinar a amar, virtualizando a materialidade das palavras, imaginando-corporeificando as impossibilidades do teatro.

CONCLUSÕES

O lugar que habita a imaginação, um outro mundo, não físico, virtualizado, mas tão real quanto, e que provém de um estado pleno de presença, numa mistura contraditória acaba perdendo lugar ao que nos tira a presença? - a virtualidade do mundo do celular, da fibra ótica, da internet, da tela, das luzes, dos *pixels*. O hibridismo entre linguagens acaba sendo também um hibridismo da existência, um ciborguismo que transita entre uma virtualidade (imaginada?) presencial e uma presença (virtualizada?) irreal... Qual o lugar das Artes da presença num mundo dominado pela virtualidade dos meios?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHEKHOV, Michael. Para o ator. trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHEKHOV, Michael. **The future Theatre**, 15 de dezembro de 1941. Arquivo original dos registros de Deirdre Hurst e Beatrice Straight, disponível em <https://collections.uwindsor.ca/chekhov/item/1081>

BARONE, Luciana. Arte e espiritualidade: influências antroposóficas sobre a técnica de Michael Chekhov. **Ephemera - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto**. Vol. 6, nº 11, 2023

FABRINI, Veronica. Quando será o futuro? Práticas chekhovianas do imaginar numa perspectiva decolonial. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 24, n. 1, 2023. DOI: 10.33871/19805071.2021.24.1.4268. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/4268>. Acesso em: 11 maio. 2024.

KRENAK, Ailton. **A Vida não é útil**. SP, Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. SP, Companhia das Letras, 2019

LIBANORI, Evely. ZOTESSO, Lúcia Ribeiro de Souza. A aprendizagem do ódio no conto 'O búfalo', de Clarice Lispector. **Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica**. BRA, v. 8, n. 1, p.33-43, Jan-Fev, 2022

CURADO, Maria Eugênia. O imaginário em O búfalo, de Clarice Lispector. **SIGNÓTICA**: 11; 127-136/dez. 1999